

L'ASSOMMOIR E GERMINAL, DE ÉMILE ZOLA, NA IMPRENSA BRASILEIRA

Eduarda Araújo da Silva Martins (UFRJ)¹
Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina (UFRJ)²

Resumo: Estudo da trajetória literária (BOURDIEU, 1996) do escritor naturalista francês Émile Zola a partir da análise da recepção crítica de dois romances, *L'Assommoir* (1876) e *Germinal* (1884), nas imprensas francesa e brasileira na perspectiva transnacional da circulação dos impressos (ABREU, 2011) e da República Mundial das Letras (CASANOVA, 1999), adotando o conceito de transferência cultural (ESPAGNE, 2012). Pretende-se identificar como se deu, na recepção crítica dessas duas obras em periódicos na França e no Brasil, o reconhecimento da aquisição de capital simbólico (BOURDIEU, 1996) pelo escritor ao longo de sua carreira.


Palavras-chave: Émile Zola; *L'Assommoir*; *Germinal*; imprensa brasileira; capital simbólico.

Émile Zola é, ainda hoje, reconhecido como chefe do movimento literário naturalista promovido na França na segunda metade do século XIX e que rapidamente se internacionalizou. O escritor iniciou sua carreira publicando críticas de arte e artigos teóricos em periódicos franceses, como *Le Bien Public* e *Le Voltaire*, e no periódico russo *Le Messager de l'Europe*. Esses artigos foram reunidos mais tarde em volume na obra *O Romance Experimental* e fundamentaram a conceituação desenvolvida por Émile Zola acerca do naturalismo. Entre os anos de 1870 e 1893, o escritor publicou um ciclo de vinte romances intitulado *Os Rougon-Macquart – história natural e social de uma família no Segundo Império*, no qual buscou retratar a sociedade daquele período histórico através da história de uma família. Zola elaborou esse grande projeto literário desenvolvendo um trabalho documental no qual observou a vida de diferentes classes sociais para, através do processo criativo, manipular os fatos documentados e criar personagens que pudessem habitar esse mundo imaginário, produzindo a ilusão do real, denominada por ele de naturalismo (MITTERAND, 1994, p. 1-9).

Dentre as obras pertencentes aos *Rougon-Macquart*, destacam-se *L'Assommoir* (1876) e *Germinal* (1884). A primeira provocou grandes ataques da crítica, mas também foi responsável pelo aumento de capital econômico do escritor e lhe permitiu comprar sua casa de campo em Médan, na região Île-de-France, na qual se reunia com artistas e

¹ Graduada em Letras Português-Francês (UFRJ), mestranda em Literaturas de Língua Francesa (UFRJ). Contato: eduarda_araujos@hotmail.com

² Doutor em Letras Neolatinas (UFRJ), Professor Associado de Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa (UFRJ). Contato: pp-conde@uol.com.br




jovens escritores para “discutir literatura, traçar estratégias no campo literário, fomentar amizades ou rivalidades” (CATHARINA, 2010, p. 84). A segunda obra, também sucesso de público, confirmou para o autor grande reconhecimento dos pares e da crítica, adquirido paulatinamente através da sua produção literária.

No Brasil, o nome do escritor foi fortemente identificado na imprensa do século XIX, principalmente a partir da década de 1880. Nesse período, é possível encontrar todos os vinte livros da série dos *Rougon-Macquart* à venda nas regiões Norte e Nordeste do país, por exemplo. Além disso, contos e romances do escritor foram traduzidos e publicados nos jornais destas regiões. Essas informações, trazidas a lume graças à disponibilização online de periódicos pela Fundação Biblioteca Nacional, demonstram que Émile Zola era conhecido e muito lido no Brasil. As referências ao seu nome, no entanto, concentram-se nas décadas de 1880 – década da publicação de *Naná* (1880), do *Romance Experimental* (1880) e *Germinal* (1885) – e 1890. Isso demonstra que o escritor, que adquiriu capital simbólico na França em virtude de sua trajetória literária e do seu investimento na carreira, passa a ser reconhecido também no Brasil na década de 1880.

Adotando a perspectiva transnacional da *República Mundial das Letras* de Pascale Casanova (1999), acreditamos que um escritor, ao adquirir consagração no espaço literário nacional, pode penetrar mais facilmente no espaço literário internacional. Desse modo, a partir dos conceitos de *trajetória* e *capital simbólico*, propostos por Pierre Bourdieu (1996)³, tentamos compreender o processo vivido por Émile Zola no que concerne à aquisição de reconhecimento no campo literário francês e sua projeção no campo literário brasileiro, em formação. Nesse sentido, Espagne (2012) e Casanova (1999) destacam a importância da figura do crítico enquanto mediador cultural, ou seja, como responsável por atribuir legitimidade à obra literária e ao escritor. Nessa perspectiva, primeiramente buscamos retratar a recepção crítica das obras *L'Assommoir* e *Germinal* na imprensa francesa, já identificadas por Mitterand (2001) e Pagès (1989) para, em seguida, estudar a recepção das mesmas obras na imprensa brasileira.

³ Apoiamo-nos nos conceitos de *capital simbólico* e *trajetória*, entre outros, desenvolvidos por Pierre Bourdieu no livro *Razões Práticas. Capital simbólico* é entendido como o reconhecimento e a atribuição de valor a um agente dentro de um campo literário, sendo esta legitimação realizada por outros agentes sociais. A *trajetória* é definida como uma “série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário”. Ver BOURDIEU, 1996, p. 107 e 71.



L'Assommoir apareceu pela primeira vez no dia 13 de abril de 1876 na seção folhetim do *Bien Public*, periódico de tendências radicais dirigido por Yves Guyot. Esse jornal, que havia oferecido a Zola uma coluna de crítica literária, é surpreendido com protestos de assinantes e se vê obrigado a interromper a publicação do romance. *L'Assommoir* só volta a ser publicado no dia 9 de julho de 1876, desta vez, em uma revista literária, *La République des Lettres*, de Catulle Mendès. O romance, que trazia a pintura da classe operária de Paris e tinha como tema as condições de trabalho e o alcoolismo, não foi bem acolhido pela crítica, que rotulou o escritor de pornográfico, bebedor de sangue, imundo, etc. Zola foi, assim, alvo de ataques publicados na imprensa através de caricaturas e de críticas ferozes (MITTERAND, 2001).

Albert Millaud declara, por exemplo, no *Figaro*, em setembro de 1876, que a obra “não é mais realismo [...], mas pornografia”⁴, ao que Zola responde educadamente em uma carta também publicada no *Figaro* do dia 7 de setembro na coluna “Lettres Fantaisistes – sur Paris”: “*L'Assommoir* é a pintura de uma certa classe trabalhadora, uma tentativa antes de tudo literária, na qual tentei reconstituir a linguagem dos *faubourgs* parisienses”⁵.

No *Gaulois* de 21 de setembro de 1876, o jornalista Fourcaud também ataca o escritor, publicando um artigo no qual afirma:

É a coletânea mais completa que eu conheço de torpezas sem reparação, sem corretivo, sem pudor. O romancista não nos poupa de um só vômito de bêbado. [...] O estilo, eu o caracterizarei com uma palavra do Sr. Zola, que não poderá se aborrecer com a citação: ‘Fede fortemente’⁶.

Dessa maneira, observam-se alguns dos ataques sofridos por Zola à época do lançamento do sétimo romance da série *Rougon-Macquart*. Segundo Henri Mitterand, nenhuma obra do escritor havia antes ocupado a imprensa parisiense por tanto tempo (MITTERAND, 2001, p. 305). As polêmicas em torno desse romance provavelmente colaboraram para aumentar o interesse do público e para o enorme sucesso do livro que

⁴ “ce n'est plus du réalisme [...] c'est de la pornographie”. Neste artigo, as traduções de textos não editados em português são dos autores.

⁵ “*L'Assommoir* est la peinture d'une certaine classe ouvrière, une tentative avant tout littéraire, dans laquelle j'ai essayé de reconstituer le langage des faubourgs parisiennes”.

⁶ “C'est le recueil le plus complet que je connaisse de turpitudes sans compensations, sans correctif, sans pudeur. Le romancier ne nous fait pas grâce d'un vomissement d'ivrogne [...] Le style, je le caractériserai d'un mot de M. Zola, que ne pourra se fâcher de la citation : ‘Il pue ferme’”.

vendeu, em seu primeiro ano, 38 mil exemplares, chegando a 100 mil em 1881 (PAGÈS, 2014, p.150). O romance também recebeu elogios da crítica, como podemos observar no artigo de Albert Wolff na coluna “Gazette de Paris” no *Figaro* do dia 5 de fevereiro de 1877, no qual afirma: “É mais que um romance: *L’Assommoir* é uma revelação”⁷; ou na crítica de Anatole France publicada no jornal *Le Temps* do dia 27 de junho de 1877 sob o título “Les Romanciers Contemporains: M. Émile Zola”: “*L’Assommoir* certamente não é um livro agradável, mas é um livro poderoso”⁸.

Zola publica o décimo terceiro romance dos *Rougon-Macquart*, *Germinal*, em folhetim, no *Gil Blas* entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, saindo em volume pela editora Charpentier no dia 2 de março de 1885. O romance tem como tema principal o movimento grevista e as dificuldades sofridas pelos mineiros no Norte da França em seu ambiente de trabalho. Ao contrário de *L’Assommoir*, como destaca Alain Pagès em *La Bataille littéraire* (1989), *Germinal* teve uma boa recepção da imprensa francesa, recebendo muitos elogios da crítica. O escritor naturalista é, desta vez, igualado a grandes nomes da literatura, como Dante Alighieri, Shakespeare e Homero (PAGÈS, 1989, p. 211). Observa-se, por exemplo, na resenha de Léon Allard na *Vie Moderne* do dia 14 de março de 1885 a comparação das minas de carvão ao Inferno de Dante:


O Sr. Émile Zola [...] conduz nossa curiosidade, que se amedronta a cada página, até o fim das estreitas passagens onde os trabalhadores das partes inferiores da mina, condenados da vida, seminus, de lado ou de costas, esmagados entre as negras muralhas, sem espaço e sem ar, aí aprisionados como na morte, sob a umidade gelada das fontes, com fortes golpes de picareta soltam os blocos de hulha. Uma visão dantesca do inferno do grisou! (citado em PAGÈS, 1989, p. 213)⁹

Jules Lemaître, Philippe Gilles, Octave Mirbeau, Anatole Cleveau, Frantz Jourdain, Firmin Boissin e Gustave Touduze também são citados por Pagès, por compararem o escritor de *Germinal* a Dante. Em seu livro, Pagès ainda destaca críticas

⁷ “C’est plus qu’un roman : *L’Assommoir* est une révélation”.

⁸ “*L’Assommoir* n’est certes pas un livre aimable, mais c’est un livre puissant”.

⁹ “M. Emile Zola [...] conduit notre curiosité, qui s’épouvante de page en page, jusqu’au bout des étroits boyaux où les travailleurs des fonds, forçats de la vie, à demi nus, sur le flanc ou sur le dos, écrasés entre les noires murailles, sans espace et sans air, enfermés là comme dans la mort, sous le suintement glacé des sources, à grands coups de rivelaine détachent les blocs de la houille. Une vision dantesque de l’enfer du grisou !”



que elevam o romance de Zola a um clássico épico, como aquela de Jules Lemaître na *Revue Politique et Littéraire* do dia 14 de março de 1885: “O Sr. Zola não é de forma alguma um crítico nem um romancista ‘naturalista’ no sentido que ele pretende, mas um poeta épico e um poeta pessimista” (citado em PAGÈS, 1989, p. 240)¹⁰.

Na perspectiva que adotamos, a saber, a da circulação transatlântica das obras (ABREU, 2011), tentamos traçar a recepção desses dois romances de sucesso na imprensa brasileira. Seleccionamos, inicialmente, críticas ou comentários críticos encontrados na imprensa da região Nordeste e Sudeste e pretendemos ampliar futuramente o *corpus* para as demais regiões do país.

Até o presente momento, não encontramos nenhuma crítica de *L'Assommoir* à época de sua publicação em folhetim (1876), livro (1877) ou adaptação para o teatro (1879) nas regiões Nordeste e Norte do país. No entanto, identificamos alguns posicionamentos na região Sudeste, no Estado do Rio de Janeiro, como, por exemplo, o comentário do jornalista e poeta carioca Carlos de Laët, que se posiciona contra os escritores realistas que se tornaram inspiração para a nova geração de escritores. A crítica apareceu na “Chronica Literária” da *Revista Brasileira* de 1879, em sua segunda fase quando era dirigida por Nicolau Midosi:

Com semelhantes ideias já se deixa ver onde poderá descer tão mal entendido realismo. As demasias eróticas, que naturalmente se fazem sentir nas produções literárias dos moços, assanham-se e engendram pinturas lascivas e torpes. Imundícias sobre as quais jamais se pensará, pudesse alguém demorar a vista, são minuciosamente estudadas e formam acessório obrigado de quaisquer romancetes que aspiram à celebridade do *Assommoir*. Fatal tendência, e tanto mais fatal quanto não vejo quem se lhe oponha com a franqueza de que uso e com a força persuasiva que me falta!

Na “Seção Literária” do *Apóstolo* – periódico católico também do Rio de Janeiro, fundado em 1866 por João Scaligero, Augusto Maravalho e José Alves Martins do Loreto – em 4 de janeiro de 1878, sob o título “A propósito dos ‘Apóstolos do Mal’”, Izaias de Almeida destaca o sucesso de *L'Assommoir* na França e ataca o romance: “Um livro que a polícia devia tomar conta, teve em França quarenta edições em um mês!

¹⁰ “M. Zola n’est point un critique et n’est point un romancier ‘naturaliste’ au sens où il entend. Mais M. Zola est un poète épique et un poète pessimiste”

Falamos do *Assommoir*, de Emile Zola; com suas pinturas grosseiras, com o sensualismo torpe, com a poesia do vício e do horrível”.

No periódico católico *A Reforma*, em artigo intitulado “Escola Realista”, Affonso Celso Júnior recebe mal a literatura de Zola, no dia 8 de maio de 1878, afirmando que “Zola gosta sobremaneira de carregar as tintas. Timbra em traços rudes, em acentuações grosseiras”.

Izaías de Almeida ataca Zola novamente, desta vez na *União Acadêmica* do dia 16 de agosto de 1879, em continuação do artigo que aparece na “Seção literária” com o título “Movimento Literário em Portugal” no qual critica o realismo. Nele chama *Os Rougon-Macquart*, inclusive *L’Assommoir*, de “torpe” e “nojento”.

A recepção do romance no Rio de Janeiro não foi, no entanto, apenas negativa, como podemos observar em um longo estudo bibliográfico escrito por Luiz Zamith, com o título “Emilio Zola”, e que foi publicado na *Revista Americana* de 1878. O estudo discorre a respeito das obras dos *Rougon-Macquart* lançadas até então. O texto informa que o escritor naturalista é “injustamente [...] julgado no Brasil” sendo o *Assommoir* caracterizado equivocadamente de literatura obscena. Busca, portanto, fazer “justiça” ao trabalho do escritor Émile Zola explicando seu naturalismo e sua escrita:

Os caracteres e os incidentes são tão reais e verdadeiros, que, dado o meio em que os seus tipos vivem, os atos que praticam não causariam admiração mesmo praticados fora da influência do temperamento, e o autor está tão convicto disso que dá-nos tipos eminentemente naturais, como Renée da *Curée*, o abade de Faujas da *Conquête des Plassans*, Coupeau e Lantier do *Assommoir* e Clorinde de *S. Ex. Eugène Rougon*, que estão na altura dos demais personagens e que contudo não têm uma nevrose hereditária a compeli-los para o mal brutalmente e quase contra a própria vontade.

O *Jornal do Commercio* de 17 de fevereiro de 1879 publica uma crítica na seção folhetim “Caras e caretas”, enviada de Paris por seu correspondente, provavelmente o jornalista Santa-Anna Nery¹¹, na qual chama o escritor de “Zola, o grande”. O texto afirma que *L’Assommoir* tem uma “descrição maravilhosa” e que a luta entre Gervaise e Virginie foi “homérica”.

¹¹ Segundo Tânia de Luca, Santa-Anna Nery foi correspondente do *Jornal do Commercio* desde 1874, respondendo pela coluna “Ver, ouvir e contar”. Ver LUCA, 2016, p. 115.

Sobre o segundo romance, *Germinal*, observamos que sua recepção na região Nordeste e Norte do país também foi tímida. Identificamos apenas duas críticas à época de lançamento do romance: uma no Ceará e outra no Maranhão. No dia 25 de abril de 1885, a *Gazeta do Norte*, jornal liberal da província do Ceará, reproduziu uma crítica que aparecera na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro do dia 4 de abril de 1885, escrita por Mariano Pina, jornalista português correspondente de Paris para a folha carioca¹²:


Agora acabe ele de conquistar mais um novo triunfo com seu *Germinal* – uma obra-prima da força do *Assommoir*. Leiam esse livro e pasmem... pasmem diante desses prodígios do talento, que depois não de confessar que do fundo dum tinteiro ainda saem coisas mais preciosas.

No Maranhão, *O Paiz* do dia 7 de junho de 1886 publicou na seção folhetim do jornal uma crítica de Juillerat sobre o naturalismo intitulada “O que nós queremos”. Nela, o crítico elogiou o escritor afirmando que Zola escreveu “um mundo todo esplendoroso de verdade no *Germinal*”. Também destacou a grandiosidade da obra dos *Rougon-Macquart*, aplaudindo o escritor naturalista e o colocando na filiação de Honoré de Balzac: “[...] com o auxílio de sua faculdade de experimentador, é um artista completo, é um sábio profundo. A *História natural e social dos Rougon-Macquart* é como que a continuação da *Comédia Humana* de Balzac”.

A recepção do romance na região Sudeste, ao contrário do que foi observado na região Nordeste, foi bem ampla, mas concentrou-se em um Estado, o Rio de Janeiro. Encontramos, no entanto, uma crítica no Espírito Santo no ano de 1885 que era, na realidade, uma reprodução da primeira parte do estudo de Ararípe Junior que aparecera quinze dias antes na *Semana*, periódico carioca.

No Estado do Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio* publicou, na seção folhetim “Ver, ouvir e contar”, no dia 31 de dezembro de 1884, mais uma provável crítica de Santa-Anna Nery, correspondente de Paris, na qual Zola é comparado a Dante: “Zola, como Dante Alighieri, desceu aos infernos e no rodapé do *Gil Blas*, apresentou-nos a pintura simples da vida dos operários das minas”; e afirma que “*Germinal* é a sua obra-prima”.

¹² Tania de Luca destaca a trajetória do jornalista e correspondente lisboeta Mariano Pina que iniciara sua carreira colaborando com os jornais portugueses *Diário do Comércio* e *Diário da Manhã*, mas, em 1882, tornou-se correspondente do periódico carioca *Gazeta de Notícias*, enviando crônicas de Paris ao matutino até março de 1886. Ver LUCA, 2016, p. 112-125.



Em 30 de novembro 1885, o mesmo jornal publicou mais uma crítica de seu correspondente de Paris na seção folhetim. O texto traz considerações positivas acerca do romance:

A sua última obra, *Germinal*, é mais do que um romance escrito com maravilhosa singeleza de estilo, enriquecido de pinturas que têm os atrativos dos painéis e a exatidão das fotografias: é um brado de compaixão em prol dos deserdados: é um arrazoado comovente em favor dos operários das minas.


A *Semana*, dirigida por Valentim Magalhães no Rio de Janeiro, publica em duas partes a crítica de Ararípe Junior acerca de *Germinal*. Aqui, Émile Zola é, mais uma vez, comparado a Dante: “A leitura de *Germinal* trouxe-me à lembrança o *Inferno* de Dante”. E reafirma: “A obra é grandiosa, repleta de coisas soberanamente terríveis. Não é mesmo possível ler o *Germinal* sem muitas vezes arquejar, impressionado por páginas verdadeiramente dantescas”.

Na coluna assinada por “Eloy, o herói”, pseudônimo de Artur Azevedo, no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro de 18 de novembro de 1885, encontramos um comentário acerca dos dois romances abordados neste trabalho:

[..] peço-lhes que releiam a obra de Zola. Não o façam prevenidos pela crítica reacionária de idealistas e românticos, e não de reconhecer que o *Assommoir* e *Germinal* são dois sublimes esforços do engenho humano, dois livros imortais que se completam, e que se associam para a evangelização da moral bem compreendida.

Na *Gazeta de Notícias* de 16 de outubro de 1884, Mariano Pina publica na coluna “Correios de França” um comentário sobre o novo livro do escritor naturalista, *Germinal*. O correspondente ainda faz uma comparação com *L'Assommoir*, o que corrobora a importância que atribuímos a estes dois romances nos *Rougon-Macquart*:

Mas o grande acontecimento está reservado a Emilio Zola, que trabalhou com grande escrupulo no seu novo romance *Germinal*, um estudo da classe operária sob a República, como o *Assommoir* é o estudo do povo sob o segundo Império. Nada de política. Como *Assommoir*, *Germinal* será apenas uma coordenação dramática de fatos, o estudo do povo *d'après nature*, uma larga observação da vida dos mineiros, a sua existência nos jazigos, a sua posição para com as grandes companhias exploradoras.



Pina, no entanto, comete um deslize ao afirmar que *Germinal* é um estudo ocorrido sob a República. É verdade que Zola acompanhou as greves que ocorreram durante a Terceira República na França a fim de documentá-las para escrever o romance, mas seus dados foram recolhidos e trabalhados literariamente para se adequarem à realidade do Segundo Império, uma vez que todos os romances dos *Rougon-Macquart* se passam nesse período histórico.

O único comentário negativo ao romance foi encontrado em uma notícia do periódico católico *O Apóstolo* do dia 4 de dezembro de 1885. Versava sobre a proibição da peça em Paris. A adaptação do romance para o teatro havia sido feita por William Busnach, o mesmo dramaturgo que fora responsável pela adaptação de *L'Assommoir* em 1879. A peça seria representada no Théâtre du Chatelet, mas foi proibida pela censura que só voltaria a autorizar sua representação em 1888. A polêmica em torno da adaptação do romance suscitou a curiosidade do público que acompanhou tudo pela imprensa (PAGÈS, 1989, p. 193). A notícia do jornal brasileiro dizia respeito à proibição de sua adaptação para o teatro. O jornal afirmou se tratar de um “drama extraído do imundo romance de Emilio Zola”.

A partir dos comentários críticos levantados neste artigo, vemos indícios de que a recepção do romance *L'Assommoir* na imprensa carioca foi bem dividida, apresentando posicionamentos positivos e negativos. A ausência da crítica nos demais Estados das regiões Nordeste, Norte e Sudeste à época da publicação do romance, no entanto, apontam para nossa hipótese inicial de que o escritor, na época de *L'Assommoir*, ainda não havia adquirido capital simbólico suficiente na França para se projetar no cenário cultural brasileiro. Também observamos que a recepção de *Germinal* foi quase ausente nas regiões Nordeste e Norte, ao passo que o Rio de Janeiro se mostrou muito mais atento à obra do escritor, publicando, sobretudo, comentários positivos. Nota-se, no entanto, que a imprensa católica tende a se posicionar, como era de se esperar, contra o escritor nos dois períodos observados. Identificamos que, tanto na imprensa francesa quanto na imprensa brasileira, Zola foi comparado a Dante. A imprensa do Rio de Janeiro destacou a grandiosidade da obra e elogiou o trabalho realizado pelo escritor em *Germinal*. Desta maneira, temos indícios de que Émile Zola, já com suficiente acúmulo de capital simbólico adquirido na França até a época da publicação de *Germinal*, parece

estar, naquele momento, igualmente gozando de maior reconhecimento e prestígio no campo literário brasileiro.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX. *Livro*. Revista do NELE, São Paulo, nº 1, p. 115-116, maio de 2011.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.

CATHARINA, P. P. G. F. Revendo o naturalismo. In: MELLO, Celina Maria M. de & CATHARINA, P. P.G. F. (org.). *Cenas da literatura moderna*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 71-90.

LUCA, Tânia Regina de. Correspondente no Brasil. Origens da atividade nas décadas de 1870 e 1880. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], vol. 5, nº 1, p. 112-125, 2016. Disponível em: <http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/247>. Acesso em: 17 set. 2017.

MITTERAND, Henri. *Zola: l'homme de Germinal*. Vol 2. Paris: Fayard, 2001.

PAGÈS, Alain. *La Bataille littéraire. Essai sur la réception du naturalisme à l'époque de Germinal*. Paris: Librairie Séguier, 1989.

ZOLA, Émile. *Germinal*. Paris: Fasquelle, 1967.

_____. *L'Assommoir*. Paris: Seuil, 1970.

_____. *Le Romam expérimental*. 5^e édition. Paris: Charpentier, 1881.

Artigos de Jornais

ALMEIDA, Izaias de. A propósito dos 'Apóstolos do Mal'. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, p. 2, 4 jan. 1878. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/343951/5276>>. Acesso em: 21 set. 2017.

_____. Movimento Literário em Portugal. *União Acadêmica*, Rio de Janeiro, p. 5-6, 16 ago. 1879. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/237825/45>>. Acesso em: 21 set. 2017.

ARARÍPE JÚNIOR, Tristão Alencar de. Germinal. *A Semana*, Rio de Janeiro, p. 1-2, 2 maio 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/383422/149>>. Acesso em: 21 set. 2017.

_____. O último livro de Zola. *A Província do Espírito Santo*, Vitória, p. 2, 21 maio 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/301582/3182>>. Acesso em: 21 set. 2017.

AZEVEDO, Artur (Eloy, o herói). De Palanque. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 18 nov. 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/369365/637>>. Acesso em: 21 set. 2017.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Affonso Celso de Assis. Escola Realista. *A Reforma*, Rio de Janeiro, p. 3, 8 maio 1878. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/226440/10480>>. Acesso em: 21 set. 2017.

FOURCAUD, Louis de. *L'Assommoir* de M. Zola. *Le Gaulois*, Paris, p. 1, 21 sept. 1876. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k522113t.item>>. Acesso em: 21 set. 2017.

FRANCE, Anatole. M. Émile Zola. *Le Temps*, Paris, p. 3, 27 juin 1877. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k226951d.item>>. Acesso em: 21 set. 2017.

JUILLERAT. O Que Nós Queremos. *O Paiz*, São Luís, p. 1, 7 jun. 1886. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/704369/9254>>. Acesso em: 21 set. 2017.

LAËT, Carlos Maximiliano Pimenta de. Chronica Literária. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 139, 1879. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/139955/1952>>. Acesso em: 21 set. 2017.

MILLAUD, Albert. M. Émile Zola. *Le Figaro*, Paris, p. 1-2, 1^{er} sept. 1876. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k276077s.item>>. Acesso em: 12/09/2017.

PINA, Mariano. Correio de França. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 out. 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/103730_02/7666>. Acesso em: 21 set. 2017.

_____. Emille Zola. *Gazeta do Norte*, Fortaleza, p. 2-3, 25 abr. 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/103950/3947>>. Acesso em: 21 set. 2017.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de. Emilio Zola. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 fev. 1879. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/364568_06/20323>. Acesso em: 21 set. 2017.

UM DRAMA de Zola proibido. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, p. 2, 04 dez. 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/343951/9788>>. Acesso em: 21 set. 2017.

_____. Ver, ouvir e contar. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 1, 31 dez. 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/12003>. Acesso em: 21 set. 2017.

_____. Ver, ouvir e contar. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 1, 30 nov. 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/14213>. Acesso em: 21 set. 2017.

WOLFF, Albert. Gazette de Paris. *Le Figaro*, Paris, p. 1, 5 févr. 1877. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k276238d.item>>. Acesso em: 21 set. 2017.

ZAMITH, Luiz. Emilio Zola, estudo bibliográfico. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, p. 16, 1878. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/737747/13>>. Acesso em: 21 set. 2017.

ZOLA, Émile. À Monsieur Albert Millaud, rédacteur du Figaro. *Le Figaro*, Paris, p. 2, 7 sept. 1876. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k276083m.item>>. Acesso em: 21 set. 2017.